

ENTREVISTA



Neste número especial, uma das organizadoras: a professora Dr^a Janaína Peixoto (PPGL/UFPB) realizou uma entrevista com a **Professora Dr^a Rachel Louise Sutton Spence** (PGET/UFSC)

Esta entrevista foi realizada em Libras (disponível no canal da revista pelo link: <https://youtu.be/2Nztbgsz8kM>).

Tradução no par linguístico Libras/Português: Janaína Peixoto.

ASEL: Professora, é um prazer tê-la como nossa entrevistada. Queremos conhecer um pouco sobre sua trajetória acadêmica e profissional, portanto, iniciamos com a seguinte pergunta: **Quem é Rachel Sutton-Spence?**

RACHEL: Estou muito grata pelo convite, na verdade o prazer é todo meu. Vou explicar um pouquinho quem sou eu. Sou inglesa, ouvinte, aprendi a Língua de Sinais Britânica (BSL): a língua de sinais da Inglaterra, por imersão na comunidade surda desse país, onde meus estudos sobre a Literatura Surda iniciaram.

Cresci na Inglaterra, e me mudei para o Brasil em 2013, quando iniciei o aprendizado da Libras da mesma maneira: imersão na comunidade surda, através do contato com alunos, colegas de trabalho (surdos e ouvintes), pois juntos compartilhávamos muitos conhecimentos e, assim, pude aprender muita coisa, o que contribuiu para o meu desenvolvimento nesta língua.

Em toda a minha vida, sempre amei tudo que diz respeito à linguagem, língua de sinais brasileira, BSL. Eu sempre me interessei muito por estudos nesta área. Tenho uma dupla formação em Psicologia e Linguística, porém, tenho mais afinidade com a área da linguística. No doutorado direcionei meu foco para a área da linguística, mais especificamente nos estudos voltados para a BSL.

Na Inglaterra, o meu trabalho também envolvia pesquisas na área de estudos surdos, pois, atuava como professora de 1989 à 2013 na universidade de Bristol. Lá há várias pesquisas voltadas para os estudos surdos e na área da língua de sinais.

Mas, de forma breve quero refletir sobre o meu ingresso na comunidade surda brasileira, ou seja, como uma inglesa ouvinte foi inserida nesta comunidade surda para estudar literatura em Libras? Então, isto me faz recordar uma conversa que tive lá no começo de tudo isso com a professora Shirley Vilhalva. Neste diálogo, ela dedicou a mim a seguinte metáfora: embora eu, Rachel, não seja surda, sou a portadora da bandeira que anuncia a chegada do Rei. Este representa os surdos que chegam cavalcando e ganham visibilidade porque eu como portadora da bandeira indico e aponto para a chegada do Rei

(os surdos). Eu achei esta metáfora muito importante, pois, explica como deve acontecer os trabalhos dos ouvintes nesta comunidade, sempre originados de uma parceria entre surdos e ouvintes. Refletindo assim, o respeito aos surdos e o entendimento da nosso importante papel de apontar para os Reis. Eu gostei muito e sou grata a Shirley Vilhalva por isso, então, quem eu sou? Sou uma portadora desta bandeira.

ASEL: Como foi sua vinda para o Brasil e que influência este fato teve nas suas pesquisas?

RACHEL: É algo bem interessante, pois quando eu tinha 10 anos, só me comunicava através da língua inglesa e não sabia nada de português. Mas, nesta época, meu pai conseguiu um trabalho em São Paulo, por isso trouxe a família para morar no Brasil. Ficamos apenas 3 anos, porém foi uma experiência muito marcante. Depois da conclusão do período de trabalho, voltamos para Inglaterra, porém, a minha família sempre recorda com muita saudade do Brasil. Então, foi assim que aprendi a língua portuguesa, durante o período que morei neste país. Mais tarde, aprendi a BSL e na sequência aprendi a Libras, todas da mesma forma: através do contato, da interação com colegas. Algumas pessoas se admiram quando me veem falando em português, mas a explicação é esta, na infância tive a oportunidade de aprender o português. Depois deste período residindo aqui, sentia muita saudade, pois o Brasil continuou guardado no meu coração.

Após um tempo do meu retorno à Inglaterra, no ano de 2004, conheci a professora Ronice Quadros e ela me convidou para vir ao Brasil. Imediatamente aceitei, pois logo veio na minha mente o amor que tenho pelo Brasil. Então, quando vim, ministrei um minicurso sobre literatura, mas naquela época meu conhecimento era na literatura da Inglaterra, porque eu já pesquisava nesta área desde 1998. Antes disso, o foco dos meus estudos era somente na área da linguística, mas, depois mudei esta perspectiva e entendi que as pesquisas linguísticas e literárias se complementam. Então, quando a professora Ronice me convidou para vir ao Brasil, já tinha mais de cinco anos de publicações de estudos na área da Literatura Surda. Foi um curso breve de mais ou menos 5 dias, mas foi uma experiência muito legal. Conheci alguns surdos e ouvintes, que pude interagir. Após esta experiência, publiquei uma pesquisa junto com a professora Ronice e retornei em 2006 ao Brasil para o TISLR 9 - Theoretical Issues in Sign Language Research 9 (9º Congresso Internacional de Aspectos Teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais), que aconteceu na UFSC. Neste evento vi a Fernanda Machado apresentando a poesia Voo sobre o Rio, o que me deixou de queixo caído, pois foi a primeira vez que vi uma poesia em língua de sinais brasileira, e isto me animou muito e impulsionou para publicações e pesquisas posteriormente. Continuamos em contato, e, em 2013, eu vim para o Brasil como professora visitante estrangeira. Ficaria por 9 meses, mas prorrogamos para 2 anos e depois virei professora permanente. E isto foi ótimo, pois mudou completamente minha vida, porque lá na Inglaterra, o meu departamento era muito fechado quanto a tudo isso.

Quando vim e conheci Fernanda, os artistas, poetas, as narrativas em Libras, constatei que o Brasil está muito mais a frente e a Inglaterra ficou bem para trás. O Brasil avançou muito depois da Lei da Libras. Quando eu vim para atuar como professora visitante

e fiz algumas pesquisas, minicursos, trabalhando com colegas e alunos surdos, eu pude constatar aqui o empoderamento dos surdos brasileiros e a riqueza de possibilidades. Assim, me vi na posição de portadora da bandeira, como a Shirlhey disse, para dar visibilidade e dizer: - Olha, o que os surdos brasileiros estão fazendo! Sendo assim, a bandeira que aponta para estes feitos.

Por isso, comecei a pesquisar na área da literatura em Libras, mas continuei em contato com os ingleses, convidando poetas surdos ingleses para vir ao Brasil, proporcionando, assim, a oportunidade de troca e compartilhamento de conhecimento e isso foi muito produtivo.

ASEL: Muito interessante você dizer que nós aqui no Brasil avançamos e estamos à frente, às vezes nós aqui pensamos que falta tanto a se fazer, que esquecemos de olhar para as conquistas que já alcançamos.

RACHEL: Sim, a Literatura Surda em Libras, teve um maior progresso com as pesquisas publicadas como dissertações e teses, como a sua tese por exemplo (Janaína), diferente da realidade da Inglaterra. Outra coisa, aqui no Brasil tem muitos surdos acadêmicos licenciados em Letras-Libras, mestres e doutores, enquanto que na Inglaterra há poucos ainda. Aqui temos esta força na comunidade surda.

ASEL: Que bom. Ótima notícia para as pessoas que não sabem, ou para aquelas que não valorizam tanto o que já foi alcançado. É realmente uma informação que precisa ser divulgada. Sua experiência em participação e organização de Festivais de Folclore Sinalizado em outros países contribuiu para a implantação deste importante evento aqui no Brasil. Fale um pouco sobre o *deaflore* e a importância dos festivais para o Povo Surdo.

RACHEL: Na realidade, como professora visitante estrangeira eu tive total liberdade para desenvolver o trabalho que eu quisesse e isso foi maravilhoso. Trabalhava junto com a Fernanda e organizamos o primeiro Festival aqui no Brasil no ano de 2014. Na Inglaterra, comecei a ter esta experiência em 2006, quando orientei uma doutoranda que fez uma pesquisa sobre Haiku, a poesia japonesa, porém na perspectiva da produção em língua de sinais. O nome desta minha aluna orientanda é Michiko Kaneko, inclusive ela ficou conhecida na comunidade surda como Haiku (se tornou o seu sinal identificador em língua de sinais), por seu trabalho se voltar tanto para esta temática. Então, durante este período, organizamos o festival de Haiku, foi muito bom, uma excelente ideia e foi muito interessante explicar sobre Haiku para os surdos com muitos exemplos, treinamento de performances e apresentações das suas próprias criações.

Esta foi uma experiência modelo muito positiva, que nos levou ao festival de poesias, sendo que nesta ocasião foi considerado todos os gêneros poéticos. Neste evento, chamamos os poetas ingleses já conhecidos para apresentarem e a comunidade surda para assistir. Formou-se uma grande plateia onde foi realizada uma oficina de final de semana para ensinar sobre a poesia em língua de sinais, sempre conduzindo ao ato de aprender, criar (fazer) e apresentar a performance no palco para a plateia surda que receberam com muitos aplausos sinalizados. Com base nisto, percebi que era possível, pois, as

pesquisas ainda eram muito incipientes, precisava de divulgação e de compartilhamento. Volto a dizer, que eu: Rachel não sou poeta, mas sou portadora da bandeira. Então consciente disso, ao juntar poetas, artistas, autores de narrativas, humoristas e atores do teatro e convocar a comunidade surda para assistir em uma plateia, significa despertar o interesse e a valorização da área da literatura.

Então, depois do festival de Haiku, tivemos mais dois festivais ingleses. Depois que a Michiko se formou, fez mais um festival na África do Sul, convidando poetas ingleses. Ao fim desta experiência, que foi muito boa, convidamos esses mesmos poetas ingleses e africanos do sul para vir ao Brasil. Neste festival, aconteceram excelentes momentos de compartilhamento de conhecimento e uma ótima comunicação entre surdos de diferentes partes do mundo.

Embora os festivais se destaquem pelo prazer e entretenimento que proporciona, ele não se resume a isto, porque afinal de contas, sou professora. Então, motivo e encorajo este compartilhamento de conhecimento e vejo que os festivais de folclore surdo aqui no Brasil trouxeram valorização à literatura, pois, acho que antes disso alguns surdos não se viam como autores da literatura, não se percebiam como poetas, não tinham consciência do nível elevado de valor que isto significava. Foi necessário que a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), onde sou docente, incentivasse, divulgasse e validasse esta manifestação como literatura. Além da iniciativa de convidar pessoas famosas nesta área para compartilhar um pouco do conhecimento, isto foi fundamental. Apresento a seguir algumas fotos, que exemplificam um pouco desta experiência. Como por exemplo: trouxemos Silas Queiros (primeira foto localizado no centro), o pioneiro como produtor de literatura surda no Brasil para divulgar mais sobre a temática. Nesse evento, tivemos oficinas e performances:





Este festival organizado junto com Fernanda Machado, que é professora, poeta, artista e atriz. Tivemos muito trabalho, mas, valeu a pena porque a disseminação e o incentivo para o crescimento desta área foram de grande importância. Atualmente, percebo que posso sair mais de cena, porque já fiz o meu papel de portadora da bandeira e os reis já estão atuando sem precisar tanto de mim. A energia contagiante desta comunidade surda já está sendo divulgada e transmitida, pois os surdos brasileiros se esforçaram, arregaçaram as mangas e estão fazendo acontecer.

ASEL: Realmente professora Rachel, sua vinda para o Brasil foi um verdadeiro presente para a comunidade surda brasileira e nós agradecemos pelo seu trabalho e agradecemos à comunidade surda por estar de portas abertas para ouvintes como nós desenvolvermos trabalhos em parceria, porque se houvesse um fechamento ou uma restrição para isto como aconteceriam o compartilhamento de conhecimento, as pesquisas?

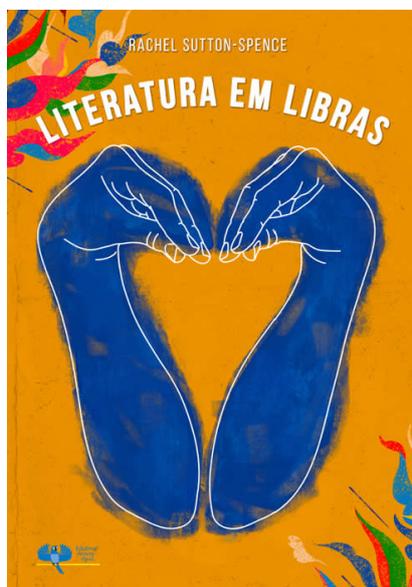
RACHEL: Por isso eu sou extremamente grata à comunidade surda por ter me recebido, depois eu falo mais um presente que eu recebi e retribui à vocês desta comunidade.

ASEL: Tive a honra de participar do primeiro festival aqui no Brasil, em 2014. Uma experiência inesquecível e muito importante.

RACHEL: Foi uma loucura organizar este primeiro evento, mas valeu a pena.

ASEL: Agora passaremos para a próxima pergunta:

ASEL: Recentemente seu livro *Literatura em Libras* foi publicado como livro digital no formato bilíngue (Português e Libras). Fale um pouco sobre a realização deste importante trabalho.



RACHEL: Este é o presente do qual eu falei anteriormente, meu presente à comunidade surda em forma de gratidão. Como fui tão bem recebida aqui no Brasil, ficava refletindo, como posso retribuir isso, então tive esta ideia de reunir tudo o que já havia aprendido através dos meus estudos e pesquisas desenvolvidos na Inglaterra e aqui no Brasil, na dissertação, tese, recolhendo assim, todo o conhecimento adquirido no percurso da minha trajetória acadêmica e transformando-o em livro gratuito para presentear de alguma forma esta comunidade, e quanto a isto preciso agradecer a Editora arara azul que publicou.

No período que estava como professora visitante estrangeira na UFSC, realizei um curso de 1 ano focado na Poesia, via Facebook com a professora Fernanda, um curso aberto para participantes de todas as partes do Brasil, que também está registrado e disponível gratuitamente, tem poesias lindíssimas. Esta experiência me deu a oportunidade de aprender sobre as poesias de autores surdos brasileiros. É trabalhoso, um curso extenso, mas se um surdo que ao olhar para si encontra características de um poeta, meu conselho é: faça este curso com a Fernanda. Também a professora Ronice Quadros elaborou o projeto da antologia literária, em parceria comigo, Fernanda e alunos bolsistas. Temos a antologia poética, na qual tem muitos registros em vídeo, com obras selecionadas. Antologia não é apenas uma coleção de obras, mas a seleção dos melhores exemplos. Nesta coletânea, não há um detalhamento, então, foi quando resolvi fazer este livro para ter a oportunidade de me alongar mais nas discussões, incluindo assim as diversas produções surdas, como narrativas, poesias, piadas, um pouco de peças teatrais. Assim, uni os dados obtidos com a

teoria, com explicações claras e análises, pois não basta apresentar estas obras simplesmente para gerar prazer e satisfação para o público, é necessário aprofundar neste conhecimento, porque eu percebo que os cursos de Letras-Libras têm muitos materiais voltados para a linguística da língua de sinais, mas o número de recursos didáticos voltados para a literatura surda é menor. Temos o exemplo da professora Lodenir Karnopp que possui importantes publicações na área da literatura. Mas quando falamos de livros didáticos na disciplina de literatura surda desses cursos, não encontramos. Então, pensando nisto, organizamos este livro em 24 capítulos, para ser trabalhado em 2 semestres, um capítulo por semana na disciplina. Tentei ao máximo, apresentar uma linguagem acessível para estes alunos da graduação, partindo da realidade que algumas teses e dissertações são excelentes, mas utiliza um nível linguístico muito alto do português, de difícil compreensão, até para mim que possuo a Língua portuguesa como L2, imagine para os alunos da graduação que estão no começo da vida acadêmica, então a intenção foi escrever de forma clara.

Mas, estes 24 capítulos não estão disponíveis no português apenas, como eu disse, deve ser uma parceria constante entre surdos e ouvintes. Como isto aconteceria, se eu como porta bandeira, entregasse este material apenas em português para os surdos lerem? Então, precisei resolver como aconteceria a tradução. Pensei em fazer resumos em Libras de cada capítulo e conversei com a Fernanda, que é ótima e discordando disse: - “Não, precisamos traduzir o livro todo!” Para a tradução, convidamos o Gustavo, que é poeta, tradutor surdo, bem conhecido nas suas produções na área do Vernáculo Visual. Então, eu fiz uma tradução inicial do português para a Libras, do “tipo Rachel”, registrei em vídeo, depois passei para o Gustavo. Assim, ele assistia aquela tradução para Libras do “tipo Rachel” e traduzia para a Libras em sua estrutura gramatical pura. Ele teve muito trabalho, mas foi um resultado excelente. Eu recebi vários feedbacks positivos de surdos que viram a tradução do livro feita por Gustavo, porque a tradução apresentou as explicações do texto de forma clara e atrativa. Foi bom porque, agora, o Gustavo é poeta, autor de narrativas, tradutor e professor. Hoje, o Gustavo também compartilha este conhecimento recebido como professor.

A importância deste livro, não é só explicar sobre a temática, mas é também apresentar os autores dessas produções, que contribuíram com o livro, vejam na imagem:



Eu tive a oportunidade de conhecer esses poetas, mas no Brasil não tem apenas estes, há muitos mais artistas surdos. Ao ver o livro você poderá conhecer estes e procurar outros artistas surdos e aprofundar ainda mais o conhecimento. Este foi o meu objetivo. Então, este é o meu presente para a comunidade surda brasileira por ter me recebido tão bem.

ASEL: Um presente realmente maravilhoso, pois o texto é acompanhado do QR code com a tradução para a Libras de cada capítulo, e o QR code correspondente de cada obra literária registrada em vídeo. Um trabalho incrível e admirável, parabéns!

RACHEL: Só para complementar, preciso destacar o importante trabalho desenvolvido pelo meu marido durante todo este percurso, pois, foi ele que organizou o registro em vídeo dos festivais e do curso no *facebook*. Além disso, ele também me falou sobre a importância do design gráfico do livro. Por isso organizamos a capa, de forma que apresenta o sinal da obra *Voo sobre o Rio* da Fernanda Machado e a parte interna tem a divisão dos capítulos em quatro cores, sendo 3 cores da bandeira brasileira (azul, amarelo e verde) e a cor do movimento surdo (azul claro), pois não queríamos apenas colocar o texto de qualquer jeito, mas apresentar o design diferenciado e leve que mostrasse a criatividade dos brasileiros.

ASEL: Poderia nos dizer quais projetos estão sendo desenvolvidos pela senhora atualmente?

RACHEL: Na verdade, a minha vida acadêmica foi sempre focada na área da literatura, meu lado de linguista continua, mas em relação às pesquisas e projetos meu foco está na literatura.

1- Projeto de extensão **Literatura didática em Libras**, que surgiu da ideia de criar obras focadas nas crianças surdas iniciantes em libras, pois há várias obras literárias traduzidas e adaptadas, mas a literatura surda original (obras autorais dos surdos) específicas para o público infantil de surdos não há, então chamamos alguns alunos e professores maravilhosos, para criar narrativas infantis. É possível conhecer um pouco sobre este projeto acessando ao seguinte QR code



A literatura originalmente surda, é base para se pesquisar e compreender esta tradição literária, e o fato dessas narrativas serem apresentadas para as crianças surdas estimula neste processo inicial de aprendizado da língua. É um orgulho estar neste projeto com alunos e professores maravilhosos.

2- O outro projeto é **Antologias Literárias**, junto com as professoras Ronice e Fernanda e os alunos bolsistas. Mas agora, também estou, juntamente a Fernanda, com o foco na antologia poética, onde realizamos análises mais profundas, porque cada gênero poético precisa ser detalhado. Atualmente, estamos apenas na superfície, é necessário ir mais a fundo para alcançarmos esta preciosidade.

3- Dialogando, é o projeto no qual entrevistamos os artistas surdos, para entendermos sua trajetória. Porque, não adianta apenas analisar as produções, é preciso conhecer o artista surdo por trás das obras.

4- Também tem o projeto **Glossário**, pois tem uma terminologia própria da área da literatura em Libras, sinais específicos para artistas, autores, pesquisadores, entre vários outros. Este é um trabalho desenvolvido em parceria com colegas de trabalho, alunos doutorandos, mestrandos e graduandos.

Enfim, para concluir, também tenho o meu trabalho vinculado ao PGET (Pós Graduação em Estudos da Tradução). Tenho grande interesse na tradução literária, pois como estudiosa da área da literatura e portadora da bandeira preciso apontar para os feitos da Rainha (a comunidade surda), mas não basta obter visibilidade sem compreensão, porque os ouvintes podem ver estas produções mas não entenderem nada. Então, é importante pensar na tradução e interpretação literária, tanto na direção Libras-Português, como na direção Português-Libras, esta é minha área de interesse de pesquisa. Não é moleza, ainda temos muito trabalho.

Amo viver no Brasil, para mim a comunidade surda, esta comunidade surda que inclui surdos e ouvintes aliados também participantes desta comunidade maravilhosa. Eu me sinto sortuda em participar desta comunidade, vocês brasileiros precisam ter orgulho do que fazem, do esforço, da energia, das excelentes produções literárias. Só tenho a agradecer à comunidade surda do Brasil.

ASEL: Sua entrevista foi bastante emocionante para mim, um enorme prazer, na minha mente parecia que estava passando um filme ao longo das suas respostas e explicações. Então muito obrigada, pela sua contribuição e incentivo para o crescimento dos estudos literários na comunidade surda brasileira.

RACHEL: Eu que agradeço, de verdade, o prazer foi todo meu.